

A Cerimônia do Chá como Elemento de Convivialidade na População Nipo-Brasileira

Marielys Siqueira Bueno¹

Susana Sou Youn Jhun²

Resumo

O presente artigo focaliza a prática da cerimônia do chá na população nipo-brasileira da cidade de São Paulo, com o objetivo de apontar os elementos que indicam a contribuição dessa cerimônia para a preservação das tradições japonesas. Essa dimensão da preservação cultural, tão importante para o imigrante, se ampliou ao proporcionar uma positiva articulação com os brasileiros não descendentes através da divulgação do ensino da cerimônia do chá. Esse acolhimento aos brasileiros tem relação direta com a hospitalidade enquanto dádiva do espaço e expansividade coletiva da convivialidade. Este estudo está dividido em quatro partes. Na primeira parte apresenta-se o significado, tanto literal como simbólico da cerimônia do chá ou *Chanoyu*. A segunda parte do artigo abrange uma descrição sucinta do ritual que envolve a Cerimônia do Chá e sua relação direta com a hospitalidade. Na terceira parte, buscou-se caracterizar a imigração japonesa em São Paulo procurando conhecer as impressões que tiveram sobre o acolhimento da sociedade receptora. E finalmente, a quarta parte volta-se inteiramente para a cerimônia do chá buscando a vinculação da sua essência e as características favoráveis aos aspectos de acolhimento e convivialidade.

Palavras-chave: Cerimônia do chá. Convivialidade. Imigração japonesa. Hospitalidade.

Introdução

O presente artigo tem como tema a Cerimônia do Chá e como sub-tema a convivialidade da população nipo-brasileira durante a prática da Cerimônia do Chá. Pretende-se buscar elementos que indiquem a contribuição dessa cerimônia para a preservação das tradições japonesas e se ela facilita a sua adaptação no Brasil. Outra questão a ser focalizada é a divulgação do ensino da cerimônia do chá sobre o ponto de vista do acolhimento dos brasileiros não descendentes.

A transposição de fronteiras no movimento de imigração implica num complexo processo de adaptação sociocultural e individual. Todo imigrante enfrenta um doloroso

¹ Doutora em Sociologia pela USP, docente e pesquisadora do Programa de Mestrado em Hospitalidade da Universidade Anhembi-Morumbi. email: marysbueno@yahoo.com.br

² Formada no Curso Sequencial de Gastronomia em 2001 na Universidade Anhembi Morumbi, atualmente é docente na mesma instituição no curso de Tecnologia em Gastronomia. Também é mestranda no programa de Mestrado em Hospitalidade da UAM. email: susanaj@terra.com.br

processo de separação de sua terra natal e o fenômeno de traduzir as diferenças para permitir a convivência com os novos padrões de comportamento, com as novas formas de sociabilidade é difícil para qualquer imigrante, mas para os japoneses as dificuldades naturais se intensificam devido ao acentuado grau de diferenças tanto culturais quanto geográficas.

Dentre as tradições da cultura japonesa que fazem parte desse processo de preservação dos costumes e tradições, foi escolhida a cerimônia do chá. Pela sua complexidade e pela sua carga simbólica pode representar aspectos sociais e mesmo filosóficos dessa cultura milenar.

Inicialmente a pesquisa teve um caráter exploratório com base numa revisão bibliográfica e documental visando maior familiaridade com a cultura japonesa e com a problemática da questão imigratória em São Paulo. Em seguida, em função dos objetivos pretendidos, foi necessário utilizar a pesquisa de campo, para uma aproximação com a realidade do grupo e aplicação de entrevistas com base qualitativa e explicativa. Ainda com o intuito de uma maior aproximação, que ajudasse a compreender o sentido das práticas culturais, foi realizado um curso de cerimônia do chá. Esse curso permitiu um maior conhecimento das implicações simbólicas, culturais e mesmo filosóficas dessa cerimônia, mas principalmente, permitiu através do convívio com as colegas a oportunidade de entrevistas semi-estruturadas, com alunos, professores e praticantes da cerimônia.

Os entrevistados foram selecionados dentro do grupo de praticantes da cerimônia do chá na Casa de Cultura Japonesa (*Bunkyo*) do Bairro da Liberdade na cidade de São Paulo e da Universidade de São Paulo, sendo preferencialmente descendentes de imigrantes japoneses, sem limitação de idade e de sexo.

1. A cerimônia do chá ou *Chanoyu*

O *Chanoyu* ou a cerimônia do chá como é conhecida no Brasil, tem como tradução literal “água quente para o chá” e é o termo utilizado para “[...] designar a cerimônia como objeto de prática e ensino (ROCHA, 1996, p. 1).”

A Cerimônia, ou Chanoyu (água quente para o chá), apesar de consistir no simples preparo de uma tigela de chá verde em pó para o convidado, pela

atmosfera de paz e relaxamento, pelo ambiente de requintada simplicidade, pelo exercício constante das artes tradicionais do Japão que nela se encontram, pela filosofia e significado profundo, subjacentes a cada gesto do rígido ritual, é na realidade muito mais que isso: ela é a “expressão simbólica de toda uma arte de viver em harmonia perfeita”, esta arte de viver com simplicidade e bom gosto, tão tipicamente japonesa (SEN, 1981, p.18).

Outro termo associado à cerimônia do chá é *Chado* que significa literalmente “caminho do chá” e se refere a “[...] cerimônia do chá quando encarada de um ângulo filosófico-religioso (ROCHA, 1996, p. 1).”

A verdadeira compreensão do Caminho do Chá só pode ser alcançada a partir de suas raízes – através da história das suas origens e do seu desenvolvimento. Embora o hábito de tomar chá, mesmo de uma forma cerimoniosa, já fosse conhecido no Japão desde épocas remotas, o que hoje temos por Caminhos do chá é mais do que uma particular forma de bebê-lo. [...] só pode ser realmente compreendida quando estamos cientes de todas as influências que o fazem crescer e se transformar, no decorrer de um longo processo de maturação. [...] Um caminho vem de algum lugar e leva a algum lugar. Seu objetivo é a compreensão dos valores eternos, a compreensão da Verdade. O Caminho age como um severo guardião da tradição [...] mantém um vínculo inquebrantável entre o passado, o presente e o futuro. Esse é o fundamento sobre o qual se baseia a relação mestre-discípulo, tão importante para o desenvolvimento das artes japonesas (HAMMITZSCH, 1993, p. 27).

O *Chanoyu* não pode ser considerado apenas como a prática e ensino do simples ato de servir o chá. Segundo a definição mais abrangente do Centro de Chado Urasenke do Brasil, a cerimônia do chá alcança diferentes âmbitos, tornando-a num evento complexo e multidisciplinar.

O Chanoyu é constituído de quatro fatores: o social, o cerimonial, o do treinamento [...] e o artístico. Estes quatro fatores, embora possam, via de regra, se contradizer ou se rechaçar mutuamente, e, podem também se combinar ou se atrair. [...] Os conceitos Social, Cerimonial ou Treinamento são de fácil compreensão do ponto de vista do Chá. O conceito treinamento, por exemplo, considera o Chanoyu como Chado, ou seja, um caminho de aprimoramento espiritual que exige devolução sem esmorecimento (CENTRO DE CHADO URASENKE DO BRASIL, 1995, p. 28).

Segundo o Centro Urasenke (1995), a cerimônia do chá concentra a natureza cerimonial, mas não se restringe apenas a isso. Para compreender o significado de *Chanoyu* há que aprofundar-se em outros setores das artes em geral como arquitetura, decoração, paisagismo, pintura, gastronomia, etc.

A elaboração [e a compreensão] da idéia [do Chá como arte] necessita do espaço e do momento para sua expressão, e esse espaço se encontra dentro da relação que compreende [...] a reunião para o chá, desde as configurações [...] do recinto para o chá e [...] da passagem do jardim até a escolha dos utensílios e disposição dos mesmos, bem como a forma de receber os convidados (CENTRO DE CHADO URASENKE DO BRASIL, 1995, p. 28).

Seja o *Chanoyu* ou *Chado*, os conceitos destes demonstram que o chá não é apenas uma bebida para aplacar a sede ou para fins medicinais, a cerimônia é uma experiência muito mais complexa. Segundo os preceitos do Centro Urasenke, o *Chanoyu* não pode ser vista apenas como meramente cerimonial ou como uma sucessão de procedimentos, dando origem a um ritual.

2. A cerimônia do chá e a hospitalidade

Para a cerimônia do chá existem dois protagonistas principais: o anfitrião e o convidado. Caso haja mais de um convidado, há sempre um que será o primeiro ou o principal em relação aos outros.

A relação entre o anfitrião e o convidado é um dos princípios elementares do *Chanoyu* e esta relação pode ser associada à hospitalidade na questão da dádiva.

O convidado acompanha o *temae* do anfitrião, ao mesmo tempo que observa a sua habilidade em adornar o lugar do Chá, escolher e dispor os utensílios, gozando do ambiente artístico criado com requinte. O anfitrião, por sua vez, enquanto executa o *temae*, com os utensílios preparados por ele mesmo para o convidado, preocupa-se em transmitir a sua sincera intenção. Se houver algum convidado que reconheça e valorize a sua arte, pelo seu modo de ser e reconhecimento, será motivo de satisfação para o anfitrião (CENTRO DE CHADO URASENKE DO BRASIL, 1995, p. 30).

Normalmente o *Chanoyu* é planejado e executado para que seja um conjunto de acontecimentos diferentes do cotidiano, ou seja, eles convergem para um momento único tanto para o anfitrião como para os convidados. A seqüência de movimentos (*Temae*), os utensílios específicos (*Dogu*) e a sala de chá (*Chashitsu*) são planejados em detalhes e esses três itens são os elementos essenciais do *Chanoyu*.

O diálogo entre o anfitrião e o convidado, a atenção e o cuidado são propósitos do cotidiano que foram convertidos em *temae*, ou seja, os movimentos foram adequados ao princípio da naturalidade. Portanto, podemos dizer que o *Chanoyu* se constitui tendo como premissa a aquisição do pleno domínio do modo do procedimento do chá (CENTRO DE CHADO URASENKE DO BRASIL, 1995, P. 29).

Antes do *Temae* quando o chá é servido, usualmente é oferecido um doce. Este momento também possui um ritual a ser seguido. E terminado o *Temae*, portanto após o serviço e a degustação de chá, o convidado principal retribui admirando e elogiando os utensílios de chá e o ambiente. Durante a cerimônia, tanto o anfitrião como os convidados devem seguir as normas de etiqueta.

A cerimônia do chá constitui um cenário importante e acolhedor da cultura japonesa. Ela supõe uma meticulosa preparação para receber o outro e, nesse sentido, a hospitalidade da cerimônia favorece uma expansão coletiva das relações sociais.

Um dos aspectos mais significativos da cerimônia do chá, principalmente no que se refere à problemática relacional do imigrante é a sua dimensão acolhedora e hospitaleira. Há diversos estudiosos que definem a hospitalidade através de diferentes questionamentos. Mas quase todos convergem para as mesmas palavras-chave: acolhimento, convivialidade, dádiva e relação com o outro. Segundo Baptista (2002, p. 157), a hospitalidade pode ser definida “como um modo privilegiado de encontro interpessoal marcado pela atitude de acolhimento em relação ao outro”. Bueno (2003, p. 113) defende que “as trocas que se estabelecem nessas relações ocorrem em uma multiplicidade de formas, práticas e estilos de hospitalidade, formando um campo privilegiado para o entendimento das relações socioculturais”.

Segue Bueno (2003, p. 1): “entre as várias tentativas de defini-la [hospitalidade], o ponto comum seria a abertura para o acolhimento. Esse acolhimento, que já foi um dever sagrado, moral e social, sempre teve aspectos diversos”.

Quanto aos conceitos relacionados à hospitalidade, um dos principais estudiosos a ser referenciado é Marcel Mauss, que através de pesquisas junto a populações classificadas como arcaicas, analisou as relações humanas numa dimensão que ele próprio define como dádiva. A dádiva estaria baseada numa tríade de acontecimentos: o dar, o receber e o retribuir. Mauss (2001) esclarece que as trocas e os contratos estabelecidos entre os indivíduos e as comunidades não são exatamente de bens materiais. Nesse aspecto, na cerimônia do chá a doação do espaço se completa com a doação de si mesmo.

Já Godbout (1999), analisa as relações humanas também sob a dimensão da dádiva, baseado nos estudos de Mauss, mas na ótica do mundo contemporâneo. Seu primeiro questionamento é sobre a existência da dádiva na atualidade, algo tão evidente nas populações pesquisadas por Mauss. Ele avalia que mesmo em tempos atuais, quando os vínculos humanos são cada vez mais difíceis e complexos, a dádiva permanece indo além do simples pólo egoísmo e altruísmo.

Retomando as análises realizadas por estes estudiosos, fica evidente que a hospitalidade nunca é exercida por uma pessoa, para que esta ocorra é necessário haver pelo menos dois indivíduos, que por sua vez terão que relacionar-se e muitas vezes, conviver. E tomando como base que toda ação de hospitalidade inicia-se com uma dádiva, pode-se dizer que em contrapartida, nem toda a dádiva gera hospitalidade (CAMARGO, 2004).

No caso da cerimônia do chá, é clara a relação humana baseada na hospitalidade, na dádiva e nas questões relacionadas e elas: o acolhimento e a convivialidade, principalmente no vínculo estabelecido desde o princípio (já com o convite) entre o anfitrião e o convidado. Como o *Chanoyu* se baseia no ritual de servir o chá todo planejado pelo anfitrião para seus convidados, pode-se dizer que a cerimônia do chá é um exemplo de hospitalidade, no âmbito da dádiva. Os elementos (ambiente, utensílios, gestos/ritual) que compõem a cerimônia foram estabelecidos para servir o outro e durante a cerimônia em si e principalmente ao final, os convidados agradecem este momento específico e elogiam o cuidado e a atenção do anfitrião, demonstrando a dádiva e seus três pilares (dar, receber e retribuir) tão defendidos por diferentes pesquisadores como Mauss e Godbout.

Os próprios praticantes do *Chanoyu* defendem que uma das principais bases da cerimônia é a relação do anfitrião-convidado.

Para que se crie uma atmosfera harmoniosa é indispensável que o anfitrião e seu convidado estejam perfeitamente entrosados; que exista um relacionamento de absoluta sinceridade e confiança recíproca e que ambos se sintam em uníssono com a natureza. [...] O respeito mútuo e um sincero senso de humildade faz desaparecer, na sala de chá, toda diferença social, cultural ou econômica, para que todos se sintam iguais. Manifesta-se na atitude das pessoas e na maneira de manusear os objetos (SEN, 1981, p. 17).

A cerimônia do chá pode estar inserida no “receber doméstico”, classificação citada por Camargo (2004, p. 55), já que envolve os temas associados a este ato e ambiente. Destaca-se, portanto, “o cerimonial e a etiqueta [...]: os estudos de hospitalidade, mais do que ressaltar etiquetas, [...] deve atentar para os significados mais profundos dos gestos e rituais que envolvem o contato humano”.

Além dos gestos, também é necessário relacionar a importância das palavras durante a cerimônia do chá. À medida que se transcorre o serviço de chá e sua degustação, o anfitrião e os convidados seguem uma etiqueta, gerando um

desencadeamento de palavras e frases para demonstrar o prazer de servir por parte do anfitrião e também uma série de agradecimentos por parte dos convidados.

Para ilustrar a importância da dádiva, demos exemplos de trocas de bens e serviços. Mas são principalmente palavras, frases e discursos que o ser humano produz e troca com os demais. É certo que, cada vez mais, só falamos para comunicar informações ou para dar ordens. Mas antes de informar ou de procurar fazer com que os outros se conformem aos nossos objetivos, a palavra se destina ao outro enquanto outro (GODBOUT, 1999, p. 21).

3. A imigração japonesa: seu acolhimento e desenraizamento

Para Godbout (1997) a recepção dos estrangeiros, no caso os imigrantes, está fundamentada na hospitalidade urbana e social e esta por sua vez, tem como pilar a tríade da dádiva defendida por Marcel Mauss: dar, receber e retribuir.

Com base nestes três momentos, é feita uma análise de como é o acolhimento dos imigrantes por parte da população receptora e a existência de políticas sociais que visam acolher este imigrante. Quanto ao primeiro momento, “Dar”:

Aquele que recebe dá alimento, espaço, proteção e segurança. Mas todo dom não é incondicional [...] A hospitalidade não consiste em dar um espaço ao outro, mas em receber o outro no seu espaço. Esta regra se aplica tanto à hospitalidade na sua rede primária quanto à hospitalidade urbana. O espaço é sempre de quem recebe, do doador (GODBOUT, 1997, p. 6).

E quanto ao segundo momento, o “Receber”:

Esta dimensão se aplica evidentemente também àquele que é recebido [...] ele dá sua presença, ele se dá a si mesmo. Ele é uma dádiva. Esta relação social que se chama de hospitalidade é sempre constituída por esta estranha dádiva da própria pessoa que é recebida (GODBOUT, 1997, p. 7).

No entanto, o próprio autor ressalta a dificuldade em distinguir o doador e a pessoa que recebe, apesar de levantar outro ponto de vista em que os papéis e status do doador e receptor podem ser diferentes. “Vimos que a hospitalidade não é partilha onde tudo pertence a todos. Ele cria uma fronteira, limites, ela obriga a um jogo difícil de papéis (GODBOUT, 1997, p. 7).”

Já quanto ao terceiro momento, o “Retribuir”:

A retribuição não existe nem no caso do acolhimento ao estranho que está para se tornar membro, como no caso do imigrante. A retribuição se situa então no que ele oferece quando é recebido. E quando essa relação é assimétrica, a hospitalidade torna-se um problema (GODBOUT, 1997, p. 7).

Quanto ao processo de adaptação do imigrante, Bosi (2004, p. 317) analisa a dificuldade do processo de desenraizamento. Para a autora, o “enraizamento é talvez a necessidade mais importante e mais desconhecida da alma humana. O ser humano tem uma raiz [...], ativa e natural na existência de uma coletividade que conserva vivos certos tesouros do passado e certos pressentimentos do futuro”.

O encontro de culturas diferentes, a do imigrante e a da sociedade receptora é um processo difícil e complexo. Como são diferentes formas de existir, revela a estes dois grupos realidades tão diversas como línguas, dialetos, expressões de religiosidade, cultos, crenças e valores.

Essa experiência se dá quase sempre em situações desvantajosas para uma das partes. É o imigrante que chega a uma situação de submissão e a uma nova ordem legal, é o que se submete às novas condições de vida, tão diversa daquela em que vivera, é a dominação cultural do receptor através do predomínio econômico (BOSI, 2004).

Os imigrantes japoneses passam por todas as dificuldades apontadas anteriormente. Desde o idioma a alimentação, passando por hábitos de higiene, a adaptação e o processo de desenraizamento dos japoneses foi extremamente difícil.

A adaptação no novo lar foi difícil para todos. A alimentação teve que ser adaptada. A língua aprendida. Os hábitos do dia-a-dia, como o do banho diário, por exemplo, tiveram que ser adaptados. Para te carne e gordura, os imigrantes se viram obrigados a passar por cima de tabus seculares ao matar porcos, o que no Japão era considerado tarefa impura. [...] faltavam várias verduras, legumes, peixes e algas nas refeições diárias [...]. As mulheres tiveram que mudar a forma como gostaria de se ver, deixando também para trás o padrão de beleza de pele clara. (SAKURAI, 2008, p. 246).

Apesar do processo de adaptação, tornou-se essencial para a sobrevivência destes imigrantes a preservação de alguns costumes e padrões japoneses. Mesmo com muito sacrifício, eles conseguiram manter algumas tradições, como a cerimônia do chá ou *Chanoyu*.

4. Chanoyu e a convivialidade entre os nipo-brasileiros

Para análise da cerimônia do chá como elemento contribuinte da convivialidade entre os nipo-brasileiros, foi realizada uma série de quatorze entrevistas com os praticantes do Chanoyu. Um dos fatores que facilitou o acesso aos entrevistados foi a realização do curso de cerimônia do chá oferecido pela Casa de Cultura Japonesa

(*Bunkyo*) da Universidade São Paulo, ocasionando um maior contato com os praticantes.

Os entrevistados foram selecionados dentro do grupo de praticantes da cerimônia do chá na Casa de Cultura Japonesa do Bairro da Liberdade na cidade de São Paulo e da Universidade de São Paulo, sendo preferencialmente descendentes de imigrantes japoneses, sem limitação de idade e de sexo.

Os relatos mais recorrentes durante as entrevistas, no geral, fazem referência ao lado espiritual como um dos principais objetivos para a prática da cerimônia do chá. O interesse seria pela filosofia zen, considerando a prática um momento de relaxamento e desligamento do cotidiano.

Outro relato freqüente originado pelos descendentes de japoneses relaciona como um outro objetivo importante para a prática da cerimônia do chá, a preservação da cultura japonesa e algumas vezes com a preocupação de conhecer as suas origens. Além disso, acreditam que é uma maneira de conviver com outros descendentes de japoneses e praticar o idioma japonês, já que nem sempre é possível praticá-lo com regularidade fora do *Bunkyo* (Casa de Cultura Japonesa).

Uma das entrevistas mais interessantes e que reforça os relatos anteriores foi de mãe e filha (dez anos de idade), que freqüentam juntas o *Bunkyo* da Liberdade. O principal interesse da mãe seria manter o seu contato com as tradições culturais japonesas e principalmente, que a filha conheça a cultura de seus antepassados. Acredita que é fundamental a filha aprender o ritual da cerimônia do chá e ressalta a importância da sofisticação e das sutilezas nos gestos e no tratamento e relacionamento com os outros.

Já a percepção dos praticantes não-descendentes de japoneses é um pouco distinta, apesar dos entrevistados também, tal como os descendentes de japoneses, associarem a prática com a questão espiritual e relataram que a cerimônia do chá facilita a convivência entre os praticantes. Alguns comentaram a dificuldade em relação ao idioma japonês, no entanto, mesmo com isto, não acreditam que o idioma seja um obstáculo ao seu relacionamento no grupo e tampouco se sentem discriminados por não serem descendentes japoneses. Para eles, isto ocorreria devido aos preceitos aplicados na cerimônia do chá, principalmente no que se refere ao relacionamento e ao respeito entre o anfitrião e os convidados. Um dos entrevistados até ressaltou o aspecto positivo

da convivialidade, pois acredita que a cerimônia do chá facilita o relacionamento entre as pessoas do grupo, pois haveria uma troca intensa e ressalta o espírito da hospitalidade.

Considerações Finais

O movimento de imigração implica num complexo processo de adaptação sociocultural e individual. Mesmo que a busca de novos lugares e novas experiências signifique, implicitamente, a esperança de novas oportunidades, o imigrante está invariavelmente marcado por estranhamentos, pela dificuldade de construção de uma nova imagem de si mesmo e a inquietação e a dúvida de ser aceito como cidadão.

Todo o imigrante enfrenta um doloroso processo de separação de sua terra natal e sofre, em maior ou menor grau com o impacto do confronto com a nova situação. Esse fenômeno de traduzir as diferenças para permitir a convivência com os novos padrões de comportamento, com as novas formas de sociabilidade é difícil para qualquer imigrante. Para os imigrantes japoneses, a adaptação exige um esforço muito maior para contornar os hábitos e costumes tão diferentes e muitas vezes em desacordo com suas tradições.

Mas a cultura de um grupo étnico não se perde e nem se funde completamente nas especificidades locais. Por mais bem sucedido que seja o processo de adaptação, os traços culturais de origem persistem e se concentram em alguns traços que são mantidos como um elemento constitutivo da afirmação de sua identidade. São lembranças retidas como recursos protetores que os permite suportar a separação, e a preservação simbólica dos costumes ausentes num mecanismo de defesa e de adaptação.

O imigrante precisa reconstruir seus papéis sociais e reavaliar seus valores e condutas para a sua inserção na nova cultura e, para contornar essas dificuldades eles se agrupam e defendem os traços culturais que os identifica. E a cerimônia do chá representa de maneira completa as tradições japonesas.

Além da importância da cerimônia do chá para os japoneses na questão da manutenção das tradições, uma das hipóteses levantadas por este trabalho é que ela permite uma importante dimensão do convívio entre os descendentes de imigrantes japoneses. A prática da cerimônia do chá é um evento social na qual os descendentes de

imigrantes japoneses, os principais praticantes, aproveitam para socializar-se, além de compartilhar e manter as tradições culturais. A maioria dos relatos durante as entrevistas confirma a hipótese principal da pesquisa, ou seja, a cerimônia do chá como elemento importante de convivialidade entre os nipo-brasileiros de São Paulo.

Dessa forma, a cerimônia do chá está inserida na hospitalidade na medida em que seu exercício incentiva o convívio entre os praticantes, os nipo-brasileiros e se abre, mesmo que timidamente, para a cultura local. Pode-se notar que a dimensão da preservação cultural, tão importante para o imigrante, se ampliou ao proporcionar uma positiva articulação com os brasileiros não descendentes através da divulgação do ensino da cerimônia do chá.

Referências Bibliográficas

- BAPTISTA, Isabel. Lugares de hospitalidade. In: DIAS, Célia Maria de Moraes (org.). **Hospitalidade**. Reflexões e perspectivas. Barueri, SP: Manole, 2002.
- BOSI, Ecléa. Cultura e desenraizamento. In: Bosi, Alfredo (org.). **Cultura Brasileira: temas e situações**. São Paulo: Ática, 2004.
- _____. **Memória e sociedade**. São Paulo: Companhia das Letras, 1999.
- BUENO, Marielys Siqueira. **Hospitalidade**. Cenários e oportunidades. São Paulo: Pioneira Thonson Learning, 2003.
- CAMARGO, Luiz Octávio L. C. **Hospitalidade**. São Paulo: Aleph, 2004.
- CENTRO DE CHADO URASENKE DO BRASIL. **Chanoyu**. Arte e filosofia. São Paulo: Aliança Cultural Brasil-Japão, 1995.
- FAUSTO, Boris. **Historiografia da imigração para São Paulo**. São Paulo: Sumaré / FAPESP, 1991. (Coleção Imigração).
- FREITAS, Sônia Maria. Falam os imigrantes: memória e diversidade cultural em São Paulo. In: LANG, Aline B. S. G. (org.). **Realidade brasileira**. Várias questões, muitos olhares. São Paulo: Centro de Estudos Rurais e Urbanos (CERU)/USP, série 2, n. 9, 2002.
- GODBOUT, Jacques T. **O espírito da dádiva**. Rio de Janeiro: Editora Fundação Getúlio Vargas, 1999.
- _____. **Receber é dar**. Revue Communications, nº 65, 1997, p.35-47. Tradução: Marielys Siqueira Bueno.
- HAMMITZSCH, Horst. **O zen na arte da cerimônia do chá**. São Paulo: Pensamento, 1993.
- HAESLER, Aldo. A demonstração pela dádiva. Abordagens filosóficas e sociológicas. In: MARTINS, Paulo Henrique (org.). **A dádiva entre os modernos**. Discussão sobre os fundamentos e as regras do social. Petrópolis: Vozes, 2002.
- HANDA, Tomoo. **O imigrante japonês**. História de sua vida no Brasil. São Paulo: T. A. Queiroz, 1987.

- KHOURI, Dolly. **Hospitalidade e acolhimento na comunidade libanesa em São Paulo (1973 a 1992)**. 2007. 91f. Dissertação (Mestrado em Hospitalidade) – Universidade Anhembi Morumbi, São Paulo, 2007.
- MAUSS, Marcel. **Ensaio sobre a dádiva**. Lisboa: Edições 70, 2001. (Coleções Perspectivas do Homem)
- OHKI, Sadako. **Tea culture of Japan**. New Haven: Yale University Press, 2009.
- OKAKURA, Kazuko. **O livro do chá**. São Paulo: Estação Liberdade, 2008.
- ROCHA, Cristina Moreira. **A Cerimônia do chá no Japão e sua reapropriação no Brasil**. Uma metáfora da identidade cultural do japonês. 1996. 184f. Dissertação (Mestrado em Ciências da Comunicação) – Escola de Comunicação e Artes da Universidade de São Paulo, São Paulo, 1996.
- SADLER, A. L. **The japanese tea ceremony**. Cha-no-yu. North Clarendon: Tuttle Publishing, 2008.
- SAKURAI, Célia. **Os japoneses**. São Paulo: Contexto, 2008.
- _____. **Romanceiro da imigração japonesa**. São Paulo: Sumaré / FAPESP, 1993. (Coleção Imigração, v. 4).
- SANTANA, Ursulina Maria Silva. **A festa e o candomblé**. O sagrado vai à mesa. 2009. 79f. Dissertação (Mestrado em Hospitalidade) – Universidade Anhembi Morumbi, São Paulo, 2009.
- SEN, Soshitsu. **Vivência e sabedoria do chá**. São Paulo: T. A. Queiroz, 1981.
- SENDO, Tanaka. **The tea ceremony**. Tokyo: Kodanska International, 2000.